Opinião do GLOBO

Governo ainda deve solução eficaz para armamentismo

Há mais de 1,6 milhão de armas em situação irregular e quase 1 milhão nas mãos de amadores

O avanço do armamentismo no governo passado se transformou em herança pesada para a gestão Luiz Inácio Lula da Silva. Dos 2,89 milhões de armas registradas na Polícia Federal (PF) em nome de civis, servidores públicos, policiais e guardas municipais para defesa pessoal, 1,6 milhão, mais da metade, está em situação irregular, com o registro vencido, de acordo com reportagem do Jornal Nacional. Esse total não inclui os Colecionadores, Atiradores Desportivos e Caçadores (CACs), a categoria de amadores que se multiplicou no governo Jair Bolsonaro, atraídos pela facilidade de comprar armas e munições.

De 2018 ao final de 2022, a quantidade de CACs sextuplicou, de 117.467 para 783.385. O novo governo suspendeu decretos armamentistas de Bolsonaro, determinou a concentração na PF do controle de todo o armamento em mãos de civis. Concluído no ano passado, o recadastramento da PF contou 939.154 armas em poder de amadores. Mas a resistência do Exército a abrir mão do controle dos CACs e da própria PF a assumir a função, alegando falta de estrutura, tem mantido intocado esse arsenal. As armas continuam em circulação e, como mostrou reportagem do GLOBO, os clubes de tiro continuam funcionando a pleno vapor. Pouco se avançou na solução desse grave problema.

A atuação da PF para apreender armas ilegais tem sido prejudicada pela legislação em vigor. De acordo com o entendimento do Superior Tribunal de Justiça (STJ) formado em 2020, arma com registro vencido deixou de ser delito penal. Agora é enquadrada como mera irregularidade administrativa. Antes, a polícia podia instaurar inquérito e pedir ao juiz um mandado de busca e apreensão. Com a nova jurisprudência, é preciso esperar o desfecho do inquérito administrativo. Essa é a razão, segundo policiais federais, de tantas armas com registro vencido.

A maior concentração das armas, revelou reportagem do GLOBO, está em regiões ligadas ao agronegócio, em especial a pecuária. Há mais CACs no sul de Goiás, nas regiões de Rio Verde e Jataí, em Mato Grosso e no entorno do Parque do Xingu. Também no norte gaúcho e no interior de Santa Catarina e Paraná. Fica nesse estado a cidade com a maior concentração de armamentos: Clevelândia, com uma arma para cada 15 moradores.

Ainda que a maior parte do arsenal esteja no interior, persiste o risco nas cidades. Além do uso frequente por organizações criminosas de armamento comprado legalmente por CACs, cresce o risco de acidentes. No último fim de semana, explodiu em Campinas, interior de São Paulo, o apartamento do coronel da reserva Virgílio Parra Dias, que transformara sua despensa num paiol. Além de 35 quilos de pólvora, 3 mil munições e quase 20 mil cartuchos, havia no apartamento duas granadas e 111 armas, entre revólveres, rifles, fuzis e espingardas. Com o alastramento das chamas, 44 moradores tiveram de ser resgatados. O coronel Dias é registrado como CAC, informou o Comando Militar do Sudeste.

A falta de entendimento entre Exército, PF e governo tem atrasado a adoção de uma solução duradoura para a banalização da posse e do uso de armas sob Bolsonaro. Desastres como o de Campinas são apenas um exemplo do risco que o armamentismo representa para o país. Lula ainda deve a seus eleitores uma redução drástica no arsenal em poder da população.

Altruísmo extremo é mais comum do que costumamos imaginar

Bravura do auxiliar de logística que salvou bebês e mãe de enxurrada reflete fatores culturais e evolutivos

"Não pensei em nada. Só queria salvar a vida deles." Foi essa a explicação do auxiliar de logística Marcos Vinícius de Souza Vasconcelos, 20 anos, para seu ato heroico na semana passada. Dependurado num ônibus em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, ele resgatou duas bebês gêmeas de 1 ano e a mãe de dentro de um carro, depois arrastado pela enxurrada. Sua coragem evitou uma tragédia.

Conhecida como altruísmo extremo, a decisão de pôr a própria vida em risco para salvar desconhecidos é mais frequente do que parece. No final do ano passado, um motoboy brasileiro deteve com o capacete um homem que investia com uma faca contra transeuntes em Dublin, na Irlanda, onde vivia. No Pará, o pescador José Cardoso Lemos resgatou 35 pessoas de um barco naufragado em 2022. Esses são apenas dois exemplos. Heróis anônimos são muito mais comuns do que costumamos imaginar.

Nos Estados Unidos, um fundo criado pelo industrial Andrew Carnegie em 1904 premia anualmente quem pratica atos de heroísmo. Até hoje, mais de 100 mil pessoas foram inscritas e 10 mil medalhas foram entregues, 20% póstumas. Um estudo da Universidade Yale com os premiados mostra que a explicação de Marcos Vinícius é predominante entre os heróis. Quem se arrisca para salvar alguém em perigo geralmente toma a decisão em questão de segundos, sem pensar.

Do ponto de vista evolutivo, o comportamento dos heróis levanta uma questão paradoxal. Quem pratica atos de heroísmo tem mais chances de morrer e não passar adiante sua carga genética. O próprio Charles Darwin, diante do paradoxo, escreveu em 1871: "Aquele que estava pronto a sacrificar a sua vida (...) muitas vezes não deixava descendência para herdar sua nateza nobre. Os homens mais corajosos, que sempre estiveram dispostos a ir à frente de batalha na guerra e arriscavam livremente suas vidas pelos outros, pereciam, em média, em maior número". Por essa lógica, altruístas extremos deveriam ter sido extintos faz tempo. Darwin não achou resposta.

Os estudiosos hoje desmentem esse paradoxo aparente lembrando que, ao longo da História humana, ter poder e ascendência sobre os pares sempre ajudou no acasalamento. E, para chegar a essa posição, evitar a pecha de covarde e conquistar o *status* de herói só ajuda. Quase 500 militares americanos que ganharam a Medalha de Honra na Segunda Guerra Mundial tiveram mais filhos que seus colegas das Forças Armadas.

Embora seja esclarecedora, a análise baseada apenas na genética desconsidera o peso da cultura no comportamento. Diferentes sociedades em todas as partes do planeta valorizam o altruísmo, algo que se manifesta em religiões, lares, novelas, filmes e livros. Marcos Vinícius sentiu isso ao abrir uma vaquinha on-line depois de sua família perder móveis e eletrodomésticos com as chuvas. A meta inicial era arrecadar R$ 6 mil. Em poucas horas, o total ultrapassou R$ 78 mil. Desde criança, ele queria ser bombeiro para "ajudar as pessoas". Em bravura, já provou ser nota 10.

Artigos

oglobo.globo.com/opinion/
cartas@oglobo.com.br

VERA MAGALHÃES

blogs.oglobo.globo.com/vera-magalhaes
vera.magalhaes@oglobo.com.br

Política com tecla SAP

Numa era em que declarações de políticos ganham as redes sociais, com direito a vídeo em questão de minutos, tentar reescrever declarações e adicionar "contextos" ou interpretações posteriores tem pouca validade para além de apaziguar as torcidas organizadas. Foi o que tentaram fazer, no mesmo dia, Lula e Jair Bolsonaro, com falas recentes que causaram celeuma.

O presidente concedeu entrevista ao jornalista Kennedy Alencar em que se apegou ao fato de não ter usado a palavra "Holocausto" em sua declaração em Adis Abeba, onde disse que o único precedente para o que Israel comete na Palestina tinha sido "quando Hitler resolveu matar os judeus".

Não é preciso fazer um tratado de interpretação de texto para saber que a ausência da denominação histórica dada à matança dos judeus pela Alemanha nazista não elimina a comparação disparatada feita pelo presidente brasileiro.

Esse tipo de contorcionismo poderia e deveria ser evitado por Lula. Se ele não viu razões para se retratar da fala, não há por que achar que Holocausto foi "interpretação" de Benjamin Netanyahu. Não foi o primeiro-ministro de Israel que deu nome ao evento histórico nefasto do Holocausto.

E, se é verdade que o governo de Israel surfou no episódio da fala de Lula de formas bem pouco republicanas e tentou extrair dele dividendos políticos num momento de contestação interna, isso não atenua o fato de a declaração de Lula ter ferido judeus brasileiros e do mundo todo, e a eles deveria ser dirigida alguma reflexão do petista a respeito. Não um truque retórico, mas uma sincera avaliação a respeito de comparar momentos históricos que não se prestam a isso, quando não era necessário fazê-lo para pressionar pelo fim imediato das violações humanitárias e crimes de guerra em Gaza.

Tentar reescrever declarações e adicionar 'contextos' ou interpretações posteriores tem pouca validade

A tentativa canhestra de aliados de Jair Bolsonaro de socorrê-lo das próprias palavras na Avenida Paulista soa a desespero. É sabido que a autossuficiência de Bolsonaro geralmente lhe rende complicações judiciais e policiais, e já era previsível que, colocado diante de uma multidão vestida de camisas da Seleção Brasileira, ele tivesse grandes chances de produzir evidências contra si mesmo.

Foi o que fez ao tentar se desvencilhar das minutas golpistas que circularam livremente pelo governo, a ponto de guardar a cópia de uma delas meses depois em seu escritório no PL. Acabou por admitir sua existência, ainda que minimizando a gravidade.

De nada adiantará o esforço de reescrita das palavras do ex-presidente feita por advogados e assessores. A fala fartamente distribuída nas tão veneradas redes sociais bolsonaristas já está em poder da Polícia Federal e deverá ser usada como prova de corroboração de evidências já reunidas pelos investigadores a respeito das sucessivas tramas golpistas lideradas pelo então chefe do Poder Executivo.

Tanto Lula quanto Bolsonaro escorregaram na mesma armadilha política, ainda mais tentadora em tempos de polarização inflamada: falar para as claques.

O presidente pouco ou nada agregou em termos de apoio interno ao comparar a ofensiva israelense contra os palestinos ao Holocausto, com ou sem o título. Pode ter emocionado a ala mais radicalizada da esquerda, mas assustou a mais moderada e ainda provocou aversão na comunidade judaica, que, como se viu na Paulista no domingo, acaba se voltando para Bolsonaro diante dessa revolta.

Bolsonaro também não teria nada a ganhar do ponto de vista jurídico conclamando uma micareta golpista na Paulista. Mas ficou todo orgulhoso ao constatar o que pesquisas já mostravam: mantém a ascendência sobre parcela significativa do eleitorado. Que de nada adianta diante de sua inelegibilidade e que não terá valia também diante das esperadas complicações dos demais inquéritos a que responde e para os quais não cansa de fornecer evidências.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vianna, Fábio Bartolomeu, Luiza Bapista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwalski - leila.suwalski@oglobo.com.br
Saúde: Ariborio Dias Lopes - ariborio.dias@oglobo.com.br
Segunda Caderno: Marcelo Dantas - marcelo@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - ggoulart@oglobo.com.br
Arte e Opinião: William Fridal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Batista - batista@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.G.: Vera Caruso - veracaruso@oglobo.com.br
Bairros: Viktor Calmon Filho - mailcrio@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito ou débito automático em conta-corrente (preço de seguinte ao mês vigente)
(para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90)
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais regiões: R$ 7,00 (RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00)
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobranças de multa ou renovação de assinatura. Desconfie se qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO até seu jornal de vendas, acesse para vendas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5202

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350
Missas, religiosos e funerais: (21) 2534-4033
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC
Leia mais e fale pelo Celular: FAC
CARBON FREE